POESIAS

OFFERECIDAS

Ás

SENHORAS BRAZILEIRAS.

Pór

ANTONIO JOSÉ D'ARAUJO.

Rio de Janeiro.

NA TYPOGRAPHIA DE RENÉ OGIER,

RUA DA CADEA, Nº. 142.

1831.

Δ 53758-

POESIAS.

POESIAS

OFFERECIDAS

AS

SNR.as BRAZILEIRAS,

POR

ANTONIO JOSÉ D'ARAUJO.

Rio de Janeiro.

NA TYPOGRAPHIA DE RENÉ OGIER,
RUA DA CADEA, N°. 142.

FEVEREIRO. — ANNO DE 1831.

On fait un ridicule à un homme du monde du talent et du gout d'écrire. Je demande aux gens raisonnables que font ceux qui n'écrivent pas?

VAUVENARGUES.

AS SENHORAS BRAZILEIRAS.

Senhoras!

Expôr aos vossos illuminados olhos algumas de minhas producçoes poéticas, taes como as que vos dedico, seria hum atrevimento imperdoavel mesmo a meus poucos annos, si nam estivessemos convencidos de huma verdade, que a naturesa nos fás sentir a cada momento; isto he, que para haver hum fim he mixter huma origem, e dessa passar por todos os estados entermedios. O meu principio; he porem tam mesquinho, que previamente me fás sentir a mágoa de hum fim pouco brilhante. A quem buscaria pois, para livrar os meus versos do terrivel abandono, e escudallos do eterno esquecimento¿? Busquei as Senhoras Brazileiras! Como bom filho empreguei a extençam de minhas forças no mimo que lhes offerto.

Cobertas as minhas poesias com tal egide, espero com justiça que a sua escasses encontrará benevolencia, e se-

rei talves animado a multiplicar meus esforsos para melhor agradar a quem tenho a honra de me dirigir: apesar de dizer como Bocage, que

.... Não pode cantar com melodía
Hum peito de gemer cançado e rouco.

A. J. d'Araujo.

POESIAS.

SONETO.

A ti, que impéras na minha alma accesa
N'aquella chama, que apagaste ingrata;
A ti, que o peito meu votou firmeza
Envio os tristes ais, que a dôr dilata.

Da fría ingratidão sinto a feresa
Ja vejo a mão cruel, que audás desata
O laço, que apertou com estreitesa
Lilia, Lilia meu bem, que hoje me mata.

Suporte o peito meu a morte austéra
Da morte a dôr mais forte he menos dura,
Que a dôr da ingratidão tirana, e féra.

Eu vou, Lilia descendo a sepultura:
Final suspiro meu, ímpia tolera,
Terás hum ai de amor, ai de ternura,

Soneto.

A MINHA MAI.

Tu origem de mim, Tu Divindade,
Que sempre aos males meus tens prompta cura:
Ternos votos recebe de ternura
Na vós, com que desperto a Eternidade,

Virtudes não communs á humanidade
Filtradas no pesar na mágoa pura,
Hum busto forma teu de tanta altura,
Que avulta na extenção da immensidade.

De ti conheço palpitar no peito
Sensivel coração! como padece!
Da terna causa o semelhante effeito.

Em mim, cára Porsão, ah reconhece
Quem tributos de amor, e de respeito
Por dever te grangêa, e te offerece.

Soneto.

ASSIM SE PAGA HUM CORAÇAO AMANTE!

« Custume de chorar; tenás custume...»
Somente á dôr vesado, e ao tormento...
Terriveis males são, os que experimento
Azedos fructos do cruel ciúme.

Armia meu praser, meu bem, meu nume;
He ingrata! Que dor!.. Que fingimento!..,
Assim calcando o sacro juramento
Me abisma em chama de sulfureo lume.

Pagou co' a ingratidão tirana Armia,
A quem morre por ella a cada instante,
A quem sente de amor a força impía.

Quebrou essa perjura; essa inconstante;
Terno laço de amor, que nos prendía:
Assim se paga hu' coração amante!

Soneto.

Bem vejo, bem conheço, amiga morte;
Que te apressas p'ra mim: compadecida
Queres livrar-me da opressora vida,
Queres cumprir a lei de infausta sorte.

Descarrega em meu peito terno, e forte
O golpe insano de mortal ferida:
Minha alma te conjura, te convida,
A volver breve para mim teu córte.

Essa lei que m'impoens, que não se altera
Não me enche da opressão, que gera o susto;
Não me abate, constrange; e dillascera.

Respeito o teu poder, supremo, augusto:
Já cançado por ti, ó morte espera
Meu triste coração, sereno, e justo.

Soneto

Que me dirigio a Illustrissima Senhora D. D. B. da C. no dia de meus annos.

Tu dos amores suspirado encanto.
Aónio divinal; vate sublime,
Escuta o louvor meu, que mal exprime
Da sagrada amisade o fogo santo;

Teu dia natalicio, Aónio eu canto;
Tão alto assumpto me arrebate, e anime:
E o Delio caro, que jamais se exime
De louvar-te, fará que eu possa tanto.

Suaves Musas affagai meu plectro,
P'ra que eu possa tão faustoso dia
Dignamente cantar em doce metro:

Aónio, Apollo que meus passos guia
Me franquêa tambem o Delio sceptro:
Vê qual he teu poder; tua valia.

Soneto

EM RESPOSTA AO PRECEDENTE.

Victima triste de amoroso encanto,
Tu me chamas Felinda em som sublime,
Em som que a meu pesar assás exprime
Da verdade o fulgor mais puro, e santo.

Ternas mágoas de amor com doce canto,
Pertendes que a sofrer audás me anime,
Porem dellas o peito não se exime
Vê qual he meu pesar, que póde tanto.

Redobra esforsos mil ao mago plectro:
Torna noite medonha, em claro dia;
Afaga os males meus em brando metro,

O vencer meu pesar seja teu guia:
Pois ter do Delio côro a palma, o sceptro,
Hum triumpho não he de mais valía.

Soneto

A' mesma Snra. tendo chegado do Rio Grande.

Lá onde em trevas co'o terror, co'a morte
Morão tormentos mil de horrendo espanto:
Leva o Thracio cantor ousado canto,
Que abranda as furias do cruel transporte.

Thebano muro assoberbado, e forte
Da lyra d'Amphion prova o encanto:
Ternos sons d'Arion poderão tanto,
Que o roubarão da Parca ao duro córte.

Altêa a vós Felinda, e docemente
Penetra o peito meu, morada triste
De mágoa, de afliçāo, de dôr ingente.

Dá vida a hum coração, que mal existe:
Extingue os males, que minha alma sente,
Males que o Fado em sustentar insiste.

Soneto

Aos annos da Illustrissima Senhora D. Marianna Augusta de Souza.

Horas dadas ao pranto, eia doirai-vos.
Bocage.

Entregue ao despraser, entregue ao pranto?...
Sempre envolto em tristesa, em amargura?...
Não mais prantêes não, ó sorte dura,
A lyra que carpio, que gemeo tanto.

Acaba, ó sorte, teu funeréo encanto,
Acaba com os meus ais, a desventura:
Escutem novos sons, sintão ventura,
Mortaes, que a compaixão moveo meu canto.

Com aurea face em fim resurge hum dia,
Que rompe as trevas de funestos damnos,
Que a todo o peito meu ennegrecia.

De males sem cessar, crueis, insanes
Izenta; cobra a doce melodía:
Canta Armania gentil, canta seus annos.

Soneto

SENSIVEL CORAÇAO PARA QUE SUSPIRAS ?

TEIMOSO pranto meu amargurado
Meus olhos deixa ao menos hum momento,
Para que eu suavise o sofrimento,
Para que eu possa gemer mais alentado.

Por ser, ai de mim, tão desgraçado,
Aquella mesma por quem dou o alento,
He a causa fatal do meu tormento
He quem move ao rigor meu duro fado.

Armania a quem adoro, he quem me mata
He o monstro, que em mim cevando as iras
Da vida o laço meu impia desata.

Piedade coração, tu não inspiras,
E, se o teu pranto desafia a ingrata,
Sensivel coração, para que suspiras ?

Soneto.

Ai de meu coração terno, e saudoso;
Vai contar a meu bem, o que eu padeço:
Vai dizer-lhe, que em mágoas desfaleço,
Que corre o pranto meu amarguroso.

Saiba aquella por quem o peito ancioso
Geme afflicto de amor com todo o excesso,
Que a cada instante hum ai, eu lhe offereço;
Que a cada instante sou mais extremoso.

Saiba, que Ontanio sempre afflicto chora
A forsa da saudade amarga, e dura,
Que impiamente as entranhas lhe devora.

Saiba, que o infelis, que o triste angura,
Que a saudade, que a dôr mais opressora
A impulsos lhe abrirão a sepultura.

Soneto

Aos annos do Illustrissimo Senhor Doutor. A. de S. e Oliveira

Brilhou em fim na etérea immensidade
A lus fulgente de pomposo dia,
Que a muito a sacra mão da divindade
Como hum bem aos mortaes marcado havia.

Rebenta o dia teu, ea liberdade,
Que á forsa da oppressão obedecia;
Surgindo de espantosa escuridade
Ergue o côlo gentil, e se extasia.

» Eu vejo (exclama ella) e goso, e tenho,
» Hum ente que do Ceo me foi mandado
» P'ra gloria do Brasil por quem me empenho.

Em ti descança o Brasileiro fado:
Da tua gratidão no desempenho
Tens Aurelio teu nome eternisado.

Soneto

Que me dirigio a Illustrissima Sra. D. D. B. da C. quando foi para o Rio Grande.

Adeos, Aónio adeos, he pois forçoso
Separar-me de ti, ó que agonia!
Eu encaro tremendo a auzencia impia,
Que rallar vai meu peito lastimoso.

Teu terno coração sempre extremoso;
Sensivel a amorosa simpatia,
Quando meu coração pranto vertia
Tambem vertia pranto amarguroso.

Mas deste bem privar-me quer a sorte:
Cumpra-se a dura lei do fado imigo,
Que a seu despeito espero a fera morte.

Tu, ó filha da auzencia, sê comigo;
Saudade inçassiavel, triste; e forte,
Que eu só dezejo agora estar comtigo.

Soneto

EM RESPOSTA AO PRECEDENTE.

P'RA aumento de meu mal era forçoso
Sentir novo pesar,nova agonia:
P'ra aumento de meu mal a sorte impia,
Quer que eu gema, que chore lastimoso.

P'ra que me deste, ó Ceo, peito extremoso?
P'ra que formaste a grave simpatia?
Sem ella o coração jamais vertia
O pranto, que hoje verte amarguroso.

A saudade a sentir me impôs a sorte
Saudade, que á minha alma o fado imigo
Fás mil dores sofrer, dores de morte.

Felinda que em meu mal éras comigo!
Onde á dor buscarei remedio forte,
Se o remedio a meu mal levas comtigo

Soneto.

Que importa, que seu corpo não respire
Si su'alma inda existe unida á minha.
NOVA CASTRO.

ENTRE sombras de horror se me apresenta
Enexoravel; sanguinosa morte :
« Eu vou (me dis) fazer-te o mal mais forte
« Vou cortar huma vida que te alenta.

Nisto a féra velós de mim se auzenta,
E alçando o ferro de aguçado córte
O peito terno da fiel consorte
Com mil golpes mortaes, ímpia ensanguenta.

Armania perde a côr..... geme..... delira.....
Em seus braços me aperta, e nesse instante
Volve os olhos a mim... ó Ceos!... expira...

Roubaste a vida, ó morte, á minha amante
Mas su'alma, que amor á minha unira
Insulta teu poder inçassiante.

Soneto

Que me dirigio o Senhor C. J. P.

Que fizeste cruel? Roubaste aquella,
Cuja existencia mil prazeres dava
Ao terno esposo, ao filho que gosava
No brando, e doce leito os mimos della:

E, não te commoveste quando ao vella
Entregue à aguda dôr, que a lascerava,
A vida entre suspiros exalava;
Até que expira, e morre Armania bella?

Nada fizeste em fim, tirana morte:
Não blazones cruel, nada fizeste
Em dar aos dias seus teu fatal córte:

Se juntar hum triumpho tu quizeste
A' raiva tua, ao teu prazer mais forte,
Hum throno de prazer no Ceo lhe ergueste.

Soneto

PELOS MESMOS CONSOANTES DO PRECEDENTE.

CHORAI, lyra chorai; carpi aquella,
Que mil exemplos de virtudes dava:
Chorai ao triste esposo, que a gozava;
Ao filho, ao brando filho, o fructo d'ella.

Oh lyra minha, não recordes vella
Entre a dôr, affição, que a lascerava:
Os ais, que a triste em ancias exalava.....
O suspiro final de Armania bella.......

Basta, lyra não mais, não mais a morte!
A morte, que em meu peito entrar fizeste
Dentro em meu coraço desfecha o córte.

Furia! Morte cruel, tu não quizeste
D'huma ves acabar meu mal mais forte!
Para que sobre mim teu braço ergueste?

Soneto.

Da estancia opáca, lugubre, horrorosa
Vem Armania meu bem, vem ver ó triste,
Que suspira, que chora, e não resiste
Aos impulsos crueis da sorte irosa.

Minha alma terna, sempre corajosa
Ja debalde a meu mal oppor-se insiste:
Se alivio póde ter, ah só consiste
Nos suspiros, que solta lastimosa.

Saudade mais cruel, que a mesma morte
As entranhas me rasga; e m' envenena
Esta vida infelis, de mágoa, e pranto:

Só tu és a meu mal remedio forte:
Ou vem trazer-me apás, findar-me a pena,
Ou com tigo me envolve em negro manto.

Ao Senhor Antonio José d' Araujo.

Soneto.

Fico existindo na existencia tua.
Bocage.

Sei qual foi teu amor, qual he teu pranto
Na perda infausta da gentil consorte,
Que por barbara lei sofrera o córte,
Que a triste humanidade pesa tanto.

Longe d' hu' riso seu, d' hum seu encanto
Tua dor he peôr, que a dor da morte:
Tudo quanto ha de máo te deo a sorte
Numen terrivel de pavor, de espanto.

Enlutado painel a Parca irosa
A teus ólhos expôs... chora por ella!..
Lagrimas vallem na aflição penosa.

Mas que imagem diviso, e pura, e bella!!!
Aónio enchuga o pranto, e sente, e gosa
Na imagem de teu Filho, a imagem della.

Por seu amigo
J. D'ALMEIDA COELHO.

Soneto

PELOS CONSOANTES DO PRECEDENTE.

VERTENDO sem cessar magoado pranto
N'auzencia amarga da fiel consorte?
Sentindo sem cessar acerbo córte,
Que sobre o coração carrega tanto?

Dos olhos de meu bem roubar o encanto
Eu vejo sempre a deshumana morte!
Eu suporto infelis (terrivel sorte!)
Vida chêa de horror, chêa de espanto.

Não mais persigas, não, ó sorte irosa,
Deixa a vida perder, morrer por ella
Aquelle a quem a vida he tão penosa.

A viva imagem sua, ah quanto he bella!
No tenro filho seu, minha alma goza
Toda a forsa de amor n'auzencia d'ella.

4

Soneto

AOS ANNOS DE HUMA SENHORA.

Vozes do coração terno; extremoso
Livres das vestes, que disfarça o engano
Vozes do coração te envía ufano
Aónio, aquelle, que he por ti ditoso.

O dia teu, Elmira fulgoroso
Me evita aos males, me arreba ao damno,
Que o fado meu, cruel, e deshumano
Me excita n'álma com transporte iroso.

Afagos teus nascidos da amisade
Doirão meus dias de choroso luto
Dão-lhe doce praser, dão suavidade.

Tu, que rasgas os véos, em que me enluto;
Tu, que és cópia fiel da divindade
Tens na minha amisade o meu tributo.

Soneto

A' muito sentida morte de S. M. I. a Imperatriz.

Toda chêa de horror a morte austera
Ao Rio Nicteroy trazendo espanto;
A par d'horrores mil, fas sentir quanto
Póde a lei, que o destino lhe impuséra.

Augusto sangue derramando a fera
D'hum peito divinal sereno, e santo:
Arranca do Brasil saudoso pranto
Pranto como o Brazil jamais vertera.

Alhante opresso, mais se curva, e sente
O peso etereo da manção sagrada:
Ali relús novo astro refulgente.

Deixou na terra o ser, deixando hum nada
Hum novo ser ganhou Altipotente
Na estancia de mil sóes abrilhantada.

Soneto

AOS ANNOS DA ILLUSTRISSIMA SENHORA D. B. DE G. O DE MENEZES.

RENASCE o dia teu, renascem lumes
Na chama accesos d' immortaes fulgores:
Erparzidos clarões, matiz das flores
Nos dão na terra habitação dos Numes.

Avesinhas de amor, ainda implumes
Ao Ceo levantão sons encantadores:
Suspende o triste, mágoas, e clamores
Enterrompe seus ais, e seus queixumes.

Se o terno peito teu de dôr se ancêa
Se o pranto banha a face ao desditoso
Hoje a guarda-te o Ceo á dôr alhêa.

Tal he Belmira o dia teu faustoso
Tal he teu curação, que te grangêa
Cultos, cultos de amor, puro; extremoso.

Soneto

A' Illustrissima Senhora D. D. B. da Cunha.

Empenhou-se em formar a naturesa
Da origem — Não ser — hum ente humano,
A quem tornassem magestoso, ufano
Encantos mil de angelica bellesa.

A Paphia deosa vio tão alta empresa
Transcender em Felinda; vio seu damno!
Depoem seu pranto a Jupiter sob'rano
A queixa sua exprime em zelo accesa.

Jove por enxugar da deosa o pranto
Dos ólhos de Felinda extrahe com pena
A lús brilhante o fulgoroso encanto.

Porem a Fébo que endemnise accena
P'ra dar-lhe á mente a lús, ao labio o canto:
Eterno ser tambem Jove lhe ordena.

Soneto.

❀

Nem sempre dura a verde primavera;
Nem o prodigo autono sempre dura:
Agora o frio inverno nos procura;
Logo ardente verão por nós espera.

D'entre as trevas o dia reverbera:
Que vai logo ceder á noite escura:
Altera tudo, tudo desfigura
Insensivel mover da nossa esfera.

Numem destruidor, tempo tirano!
Tu, que dictas as leis á naturesa;
Tu, que zombas desígnos dos humanos;

Sómente o peito meu; minha firmesa
Se escapa ás tuas leis de immensos damnos?
Por milagre de amor, e da bellesa.

Soneto

Aos annos da Illustrissima Senhora D. M. C. N. P. da Cunha.

Entregue o coração á dor, e á pena:
A pena, e dôr, ó Ceos! sómente affeito!
Desfas-se em tristes ais dentro do peito,
Que em continuos pesares se envenena.

Sorte, sorte cruel não me despena
Da vida para mim d'horror perfeito
Dessa vida fatal ja satisfeito
A morte vou buscar, que ja me accena.

Porem que nova lus? que lus brilhante
Me arrebata aos mortaes frios horrores?
Encaro mil venturas n'hum instante!..

Vejo Marilia o dia teu de flores!
Vejo findar meu mal, mal devorante
Nos teus olhos, que são dois Ceos de amores.

Soneto

DA ILLUSTRISSIMA SENHORA D. D. B. DA CUNHA
POR OCCASIAO DE MEUS ANNOS.

De immensos dons teu ser abrilhantado
Por celeste poder ao mundo veio:
Para gloria de amor, de amor recreio
Aónio divinal foste formado.

Na tua infancia com melifero agrado
Venus te unía brandamente ao seio:
Seu terno coração de praser cheio
Se moustrava por ti todo abrasado.

Cresceste Aónio, e as gentis camenas
Por darem aos teus dons maior valia
Das suas azas te doàrão penas,

Cisne na vos, na doce melodía
Vôas ao Pindo os males meus serênas
Em honra, e gloria de tão fausto dia.

Soneto

PELOS MESMOS CONSOANTES DO PRECEDENTE.

AMOR de falso adôrno abrilhantado
Ao triste peito meu astuto veio:
No terno coração por seu recreio
Profundas chagas tem cruel formado.

Se o menino fatal hum só agrado
De Lilia apanha no virgineo seio;
Tras ao meu coração de praser cheio
Por ver quanto de amor fica abrasado.

Sensiveis a meus ais irmãas Camenas
Dos estragos de amor vendo a valia:
Debalde buscão menorar-me as penas.

Só tu, que tens febéa melodia
Minhas ancias Felinda audás serenas:
N'este dia p'ra mim, bem triste dia.

Soneto.

Juro sempre guardar dentro do peito
Pela furia de amor atormentado
Minha acerba paixão : do injusto fado
Alma, vida te dou mesmo a despeito.

Não póde o Lethes de dormente effeito
Ser sensivel a mim! Sempre agitado
O meu aflicto coração magoado:
Coração, que a firmesa he seu defeito.

Se não me resta, ó Ceos, que a dôr mais forte?
De minha dôr fatal mil veses morro ?
Escolhida por mim vai ser a morte.

Só Lilia a meu penar não dá socorro
Por quem gritando sempre com transporte
Suspiro sem cessar, em vão recorro.

Soneto.

Minha alma isenta da traição damnada,
Isenta do fingir: tem protestado;
Nunca, nunca meu bem por seu agrado
Huma hora buscar-te amargurada.

Ati por quem de amor sempre inflamada
Envia os ais, que sólto desgraçado;
Ser tua para sempre tem jurado:
Constante sempre, sempre mal fadada.

O poder de teus ólhos portentosos
Lilia, Lilia meu bem jamais consente
Haverem para mim dias ditosos.

Ingrata vês meu mal assás contente:
Da vida meus instantes desditosos
Apressas com o pesar, com a mágoa ingente.

Soneto.

EMMUDECE A RASÃO QUANDO AMOR FALLA.

Tu, que chamão — rasão — se és grave, e pura;
Socorre o peito meu quazi expirante:
Appaga ardente chama devorante,
Que Amor a meu pesar constante apura.

Por effeitos de ti, a prompta cura
Obrigue ao coração, que á terna amante
Mil gemidos não mande a cada instante
Gerados pelo amor, pela ternura.

Mas á viva paixão não tens socorro?
Do triste coração não vens tiralla?
Tu me illudes, rasão! Afflicto morro.

Por Lilia, mais, e mais o peito exala
Os gemidos de amor! Em vão recorro!!!
Emmudece a rasão quando amor falla.

Soneto.

Dias meus, desditosos, tristes dias
Vão á forsa de dôr se anniquilando :
Em gemidos, em ancias expirando
Darei fim ás crueis melancolias.

Fataes angustias; dôres; agonias
São punhaes, que meu peito vão rasgando !
Só me he dado gemer de quando em quando...
O' de amor afflicoes, crueis; impias.

Tu, de afflictos mortaes a companheira
Esperança fallás, e grata, e doce,
Receas para mim ser lisongeira ?

Que mais me resta, ó Ceos, tudo acabou-se....
Vejo a hora fatal, e derradeira.. ..
Ja da morte cruel, prescinto a fouce.

Soneto.

❀

Lilia, Lilia cruel, eu ja conheço
Teu falso coração; tua alma impura:
Tu quebraste infiel, sagráda jura:
Negros males formaste, que padeço.

Apparencias de amor, n'hum véo espesso
Me envolviaó no leito da ventura:
Hoje (triste de mim) és tão perjura,
Que os tormentos, que sofro te appeteço.

Eu quisera, que amor, que hum fogo interno
Em teu peito lavrasse cruelmente,
Que sentisses de amor tormento eterno.

Porem, ó Ceos, que dôr! Amargamente
Só eu sinto de amor todo o inferno,
Só eu sinto de amor a fôrsa ingente.

O
TEMPLO
DA SAUDADE.

No fundo espêsso de horrorosa gruta
Quasi esquiva ao clarão, que espalha o dia,
Levei o mal cruel, que o peito enluta
P'ra no seio gemer da penedía.
O bosque, a sombra, a face nunca enxuta
Estiverão com o peito em armonía :
Sem dôr julgava o peito, o peito exulta
Quando ali de meu mal a causa avulta.

Juntava o pranto meu, e os meus gemidos
A's roucas voses de agoureiras aves,
Quando escutão, ó Lilia, os meus ouvidos
Voses meigas de amor, voses suaves.
« Com ais (me disse amor) enternecidos
« D'este Citio o silencio não agraves :
« S'tás, ó triste mortal, na residencia
« Onde impéra a cruel filha d'Ausencia.

« Cala o pranto, que vertes, vem comigo
« Onde Amor, só Amor póde levar-te:
« Ao throno d'esta deosa vou com tigo
« Como novo triumpho apresentar-te.
Couduzido por elle, e a seu abrigo
Quanto vi doce bem vou relatar-te:
Sentirás quanto amor, quanto a saudade
Pesa sobre a mesquinha humanidade.

D'inumeras penhas circular cadêa
Onde hu'rio tranzita murmurando;
Se forma a entrada magestosa, e féa;
Ali das rôlas, do magoádo bando
Em gemidos a dôr se patentêa;
Em gemidos de dôr vão expirando.
Pois a rôla infelis sem seu consorte
Na saudade cruel encontra a morte.

Iguaes ciprestes d'huma altura immensa
Nos dão caminho ao throno magestoso;
Distrahe constante lu de chama intensa
As Sombras deste Citio pavoroso:
Espesso fumo que esta deosa incensa
Abafa a lus no fóco luminoso.
O silencio, e temor que experimentava
Os ais na propria origem soffocava.

De verdes ramos hu' docel tecido
Morada (triste) desta deosa apresta:
De musgo, e flores era o throno erguido,
Que a Saudade sombria manifesta.
Tinha o negro cabello repartido
Em duas partes sobre a branca testa
De neve a face, a boca côr de rosa
A vista meiga; tarda, e pesarosa.

Ali não vê-se a pompa de Cythera
Amores, Graças, risos da ventura:
O matis da brilhante primavéra
He do Templo o painel, e a compostura.
Ali só naturesa reverbera;
Trahidora mão jamais a desfigura.
Da Saudade não písa o pavimento
Com falso pranto, o negro fingimento.

Eu vi com quanta mágoa te annumeio!
De Dido o pranto sem cessar correndo:
No excesso fatal do desvarío
Estas queixas a triste hia disendo:
« Tu Enêas ingrato a quem envío
« Minha vida em suspiros desfazendo;
« Saberás, que de mim compadecida
« A Saudade tirou-me a infausta vida.

Eu vi a Mãi de Amor, de Amor escrava
Ir á baixa mansão, que habita a morte:
O pranto amargo suas faces lava
Quando pede a Plutão, que emende o Córte,
Que tantos golpes no seu peito crava.
Alli se escuta a vós tremenda e forte
Diser á Mãi de Amor — Porque suspiras?
Eu torno á vida o filho de Cyniras.

Eu vi Cerbéro adormecido, e fraco
A' forsa de celeste ousado canto:
Confuso Minos, enterdicto Eáco;
Immovel o entégro Rhadamanto.
Vós, que só não movêo filhas de Bacho
Dos ólhos de Plutão arranca o pranto.
Não cahe a pedra; cessa o giro a roda:
Tant'lo se farta, Abutre se accomoda.

« Eu sou (erguendo a vós exclama o triste)
« Infausta presa, que a Saudade oprime:
« A cruel, que em meu mal audás insiste
« Me arremessa onde móra horror, e o crime.
« Dame aquella, que ja com tigo existe,
« Minha esposa infelis da morte exime.
O rei das trevas dando-lhe Euridice
Mandou que logo do lugar sahisse.

Tirana condição, tiranamente
Outra vês lhe roubou a sposa cára:
Amor trahindo o peito que o recente
Roubou ao Thrace quanto lhe doára.
Bachantes infernaes, chusma impudente,
Que o despreso de Orfêo experimentára.
Em mil pedaços desfasenda a Lyra
Em pedaços tambem Orfêo expira.

Ali se escutão ais, que em vão exala
Na ausencia Phyllis do cáro Demoph'onte,
Em excessos de amor ningnem a igualla,
Que, por que ao tempo o nome seu remonte,
Seus gemidos de amor co'a morte cala:
Co'a morte séca de seu pranto a fonte.
Phyllis sendo á Saudade lisongeira
Foi mudada em viçosa Amendoeira.

Ali gemendo a par do Lyris corre
Terna fiha infelis Phalóe mesquinha:
Elaathes seu esposo aflicto morre
Quando aos laços de amor apenas vinha.
Tanto mal, tanta dôr o Ceo socorre
Em fonte a muda, ao Lyris e maminha.
Desta arte o Pai mitiga os dissabores
De Phalóe qu' inda chora os seus amores.

Continuas vagas vê-se ameaçando
As nuvens, que assustadas vão fugindo:
Continuas vagas vão no Ceo tocando
Abismos sem cessar reproduzindo.
Por toda a parte os raios espalhando
O Ceo impnnha seu poder enfindo.
Quando ao ver o faról, que ao longe aponta
Co'a Saudade Leandro o mar afronta.

O mar de negras furias escoltado
Zombava a esforsos do aflicto amante:
Ja sem forsas Leandro acobardado
Da morte o frio cobre-lhe o semblante.
Dos horrores da Parca em fim cercado
Tres veses desce ao leito horrorisante:
Quando..... ai triste!.... Subio ah ja não sente
Não ver dos males seus causa innocente.

Hero geme; delira, e desespera
Com os ólhos fictos no caminho insano:
Reconhece a trahição que Amor fizera
Chora os males de amor, de amor tirano:
Na praia avista, aquelle porque espera
Sem alento, sem côr! Oh Ceos, que damno!
Salta Hero infelis d'immensa torre
Sobre o côrpo ja frio a triste morre.

Em fonte, e rio transformar Diana
Arethusa, e Alpheo que a perseguira;
Porem amor á propria Deosa engana
Em rio mesmo Alpheo inda suspira:
Sujeito a impulsos da paixão tirana
De antigo curso suas ágoas tira;
Saudoso á fonte sem cessar procura
Encontrando-a com ella se mixtura.

Vendo amor, que a affição mais excessiva
Sentia o peito meu nestes lugares;
Tirou-me á scena mais tocante, e viva,
Não julgando pequenos meus pesares.
Tornarão minha dôr mais opressiva
Deste Templo os paineis tão singulares.
Eu devo, ó Lilia, ser de mais piedade
Quadro triste no Templo da Saudade.

EPISTOLA.

Le fatal présent que celui de l'existence, quand il faut la prolonger loin de ceux qu'on aime si bien, et qui nous sont chers à tant de titres!.....

FRÉVILLE.

Males e males sem cessar me anceão
Males, que ao coração constantemente
Mandão ancia peor, que a dôr da morte.

Sensivel coração he necessario
A quem deve sofrer cruentas dores:
Sensivel coração extremamente
Foi-me hum dóte fatal da natureza.
Em funesta cadêa estão ligados
Com os momentos de vida acerbos males,
Que a cada instante de existencia minha
Pertence hum mal peor, que o precedente.

Onde, ó Ceos, o limite ás minhas mâgoas?
De meus tormentos onde o ponto extremo?
Jamais a naturesa a hum só vivente
Negou a mil pesares hum instante,
Hum instante sem mágoa, instante doce.
Ninguem gemeo ó Ceos eternamente,
Sem que hum bem lhe adoçasse o sofrimento.
Desditoso mortal ao menos sente
Hum só, e breve instante de ventura.
Só meu mal, só meu mal se alenta e cresce!
Buscar alivios ter ás minhas penas
He buscar nova fonte de pesares...
Amor, que adoça da existencia o peso
Amor, que sendo hum mal, he mal que agrada;
Amor! Que disse! Amor! Inferno, Inferno...
Eu provo sem cessar crueis venenos
Eu provo, e sinto, e sofro amor que a morte
Espalha na minha alma a cada instante.

Sensivel peito meu, sensivel foste
Aos encantos de amor mais portentosos:
Ja gosante de amor doces momentos!
Momentos de ternura te guardava
Armania, caro bem mimosa e pura:
Momentos, que passei sobre seus braços
Invejados me forão do Ceo mesmo,
Que ufano arrebatou minha ventura.

Hoje ó dor, ó pesar d'ella, só restão
Imagens, que á minha alma afectão sempre,
Que sobre o coração estão gravadas.

Por lei cruenta do destino austéro
Perdi tudo, ai de mim, co'a perda d'ella.....
Que mais resta, que mais a hum desgraçado?
A vida, que possuo he vida inutil
A vida, que possuo he morte lenta,
Que sem cessar me leva á sepultura.

ELEGIA.

Mourir soi-même, c'est un triste sort; mais être présent à la destruction inattendue et prématurée d'un sujet accompli qui nous touche de si près, c'est le dernier des supplices.

FRÉVILLE.

Apenas a razão me accende a mente
Co'o faxo, que aos humanos patentêa
No mundo hum quadro, sò de dôr ingente:

Vi a causa d'hum mal, que hoje me ancêa:
D'hum mal, que em vão procura lenetivo
Minha alma de aflição sómente chêa.

Vi Armania gentil, fiquei captivo:
Sentio meu coração de amor illeso
Todo o fogo de amor, fogo excessivo.

Terna e doce paixão supporto, e preso!
Beijo a mão, que me téce a prisão dura
De amoroso grilhão gostando o peso.

D'Armania divinal, mimosa, e pura
Celestes mimos seus adornos erão
Celestes mimos com igual ternura.

Ali as tres irmãas unir quizerão
A humanas perfeições, os dons sublimes,
Que seu peito, e seu rosto enriquecerão.

Seu peito do fingir alheio aos crimes
Ouvio meus tristes ais, e meus queixumes!
Queixumes, ais de amor, quanto me oprîmes!

Assim m'inflama de amorosos lumes.
Seu labio terno, co'a expressão mais doce
De meu peito findou meus pesadumes.

Findou-se o pesar teu, teu mal findou-se;
« Se póde o pesar teu ser acabado,
« Nos braços que te dou, delles na posse.

Com surrisos de amor com meigo agrado
« Eu protesto (tornou) ser tua eu juro,
« Embora contra mim conspire o fado.

Sereno stava o Ceo, e logo escuro
Com medonha tormenta me annuncia;
Triste, e fêo painel, negro futuro.

Porem amor, que o peito me accendia
O presagio distrahe, presagio forte,
Que o brando peito meu ennegrecia.

Risonha face da mesquinha sorte
Tornou fagueiro amor: ah tudo, tudo
Gosei sonhando em magico transporte.

D'aspecto muda o fado, e carrancudo
Espalha na minha alma horror; espanto!
N'hum silencio presisto, e frio, e mudo.

A morte agente seu surda a meu pranto
Despede hum o golpe, fére o brando peito
Do meu bem... do meu bem... do meu encanto...

Volve os ólhos a triste emprega hum geito,
Vê acerba aflição do terno esposo
Sente... ai triste... que dôr... cruel effeito...

Hum abraço, outro abraço eu sinto, e goso
Geme aflicto de dôr mil vezes morre
Meu terno coração sempre extremoso.

Surda a vós d'aflição não a socorre
Naturesa cruel! A morte austera
Seu sangue derramou, que ainda corre.

Morte! Furia infernal! Tirana fêra!
Porque meus dias conservar quizeste?
Minha alma ja por ti se dezespera.

O braço teu, fatal, cruel ergueste:
A estancia fria, lúgubre, horrorosa,
Porque juntos baixar tu não fizeste
O consorte infelis, co'a sua esposa.

O QUEIXUME.

IDYLLIO.

Tu, opposto á rasão, á naturesa
—Dever — que a seu saber cada vivente
Atributos te dá como lhe cumpre.
Tu fantasma idêal, tu que em meu peito
Semêas afliçōes, promoves pranto,
Pranto do coração mais desditoso :
Eia, finda meu mal, ou dame a morte.

Azedados de Amor sempre os instantes
Os instantes de Amor gôso gemendo.
Geme aflicta, curvada a naturesa
Co'o pêso da oppressão d'hum monstro horrendo
De espantosas divisas matisado.
Delirios da rasão lhe derão forma :
E, a mão d'hypocrisia carrancuda

Palpando horrores na extenção celeste
Extrahe verdugos donde habitão Numes :
E, com cores fataes, que extrahe do nada
Dando vulto ao não ser d'enorme aspecto
Infundindo mysterio, e frio, e mudo;
Escravisa a rasão, e a naturesa.
Passarinhos, que ouvís os meus lamentos,
Que attentos a meus ais, a meus queixumes
Sensiveis suspirais em mágo accento;
Ternas aves; de amor te inveja a sórte.
Jamais mesquinha; ingrata a naturesa
Nega os mimos de amor, ás preces tuas.
Teus gemidos de amor, ella não cála?
Nunca a pêjo, o temor perturba o geso
Da grata sensação quando os biquinhos
Na expressão da ternura manifestão
Quanto póde de amor a chama ardente:
Nunca a idea de críme em taes transportes
Azedou teus carinhos; ternos, doces
Jamais nos peitos teus, que amor domina
Do crime imagens fêas envenenão
Delicias, que imagino, e que não góso.

Ternas aves de amor, gemei comigo
Pesai as ancias, que me agitão sempre:
Encarai o dever, e seus tiranos
A vós do coração, da naturesa.
Suffocai nos teus peitos melindrosos

Pesai as ancias, que me agitão alma
Onde a vós do dever constantemente
Pragueja o meu amor, pragueja o peito,
Que se inflama, na chama, em que me abraso.

Quando, ó aves, que invejo achaste o crime
Nas meiguices de amor, a que te intregas?
Quando foi entre vós crime a ternura?....

QUADRA.

Tudo, que ha triste no mundo
Quisera, que fosse meu:
Para ver si tudo junto
Era mas triste, que eu.

« DA terra os tristes gemidos
(Disse Jove ao seu Congresso)
« Cada vês com mais excesso
« Penetrão os meus ouvidos.
« Bens, e males repartidos
« Tem o meu saber profundo :
« Si ninguem penetra a fundo
« Os seus bens, só males sente ;
« Quero juntar n' hu' vivente
« Tudo, que ha triste no mundo.

« Não comparão os mortaes
« Seus maiores sentimentos :
« Não comparão seus tormentos
« Com os tormentos dos mais.
« Ancias, males, prantos, ais,
« N' hu' ente reuna o Ceo.
A mesma Parca tremeo,
E disse pedindo ao Fado :
« Esse mortal desgraçado,
« Quisera, que fosse meu.

Jove tornou com firmesa :
« Ha grave necessidade
« Para a humana felicidade,
« Dar-lhe hu' fóco de tristesa.
« Forme pois a naturesa
« Só de males hu' conjucto :
« Qu' eu a hu' ente tal ajunto
« Para exemplo ser mais forte,
« Todas as dores da morte :
« Para ver-se tudo junto.

Em mim comprio a natura
Os soberanos decretos :
Eu sou dos fataes projectos
A mesquinha creatura.
Minha extrema desventura
Mesmo a Jove commovêo,
Com ella em fim convencêo
A todo o mortal, que existe,
Que nenhu' por muito triste,
Era mais triste, que eu.

QUADRA.

Ar, que em torno de mim giras:
Gira em torno de meu bem:
Dis-lhe que és hum suspiro;
Mas não lhe digas de quem.

Debalde o peito ancioso
Solta suspiros em vão:
Não move ao Ceo com paixão
Os ais, que exalo queixoso.
Ai de mim: terno, saudoso!
Não sei meu bem se suspiras...
Que sofro cruentos iras;
Tormentosos dissabores,
Vai contar aos meus amores
Ar, que em torno de mim giras.

Vai ver se aquella, que adóro
Se esqueceo da fé mais pura
Vai ver se Lilia he perjura,
Vê si chóra como eu chóro.
Vai por compaixão t'implóro:
Indaga si a bella tem
Terno amor a mais alguem:
Indaga, não desesperes,
Tudo em quanto não souberes
Gira em torno de meu bem.

Apenas todo o seu peito
Tu tiveres penetrado
Se ella tiver conservado
O mais terno amor perfeito
Dis-lhe o mal, que me tem feito
A ausencia neste retiro:
Mostrai-lhe qu'eu só respiro
Para adoralla constante.
Do peito do seu amante
Dis-lhe que és hum suspiro.

Porem si ella esquecida
Estiver dos seus juramentos;
Não zombe dos meus tormentos;
Essa cruel, essa infida.
Não lhe contes minha vida
Meus males occulta bem:
Dizer-lhe só te convem
Para mover-lhe piedade,
Que és hu'ai, ai de saudade
Mas não lhe digas de quem.

QUADRA.

Breve espaço a flor mimosa
Conserva o lindo matis!
Assim foi minha ventura
Pouco tempo fui felis.

CRESCE a planta em prado ameno
Por accaso collocada;
Suavemente banhada
Por hum regato sereno.
Vizinho arbusto pequeno
Da-lhe sombra preciosa:
Na flor da planta vaidosa
Negra serpe imprime o dente:
Dura por este accidente
Breve espaço a flor mimosa.

N'hum desabrido deserto
Mesquinha planta apparece,
E, como a susto offerece
Hum só botão mal aberto.
Oscillando o ramo incerto
Faz ver a propria rais:
Tudo na planta predis
Seu breve funesto fim;
Porem a flor mesmo assim
Conserva o lindo matis.

Tu, ó planta, que ostentaste
Abrilhantado esplandor,
Que perdeste a linda côr,
Que envenenada murchaste:
Triste planta, em mim achaste
Cópia á tua desventura:
A tirana sorte dura,
Que foi risonha comtigo
Igualmento o foi comigo,
Assim foi minha ventura.

O amor de huma inconstante
Mais bella que o bello dia;
Deo calor, deo energia
A meu peito vacillante.
Hum instante, e outro instante,
Que a ingrata affagar-me quis;
Tornão-me hoje infelis,
Porque o monstro ingratidão
Mordendo o seu coração
Pouco tempo fui felis.

QUADRA.

Estou junto do meu bem,
Eu nao fallo, ella emmudece:
Dezei-me austera virtude
Se isto algum premio merece?

TIRANAMENTE opremido
Eu sinto o meu coração;
A mais pungente aflição
Torna meu mal insofrido.
Sempre, sempre combatido
A rasão minha alma tem;
Se a mesma rasão convem,
Que vá livremente amando;
O dever me aparta, quando
Estou junto do meu bem.

Dever fantasma opressor!
Fero algôs da natuesa!
Queres tirar á bellesa
A simpatia, o amor?
A' força do teu rigor
O meu bem triste obedece:
Ella teu nada conhece
Tua opressão sente aflicta;
Mas sobre a nossa desdita,
Eu não fallo, ella emmudece.

Sendo a mão da divindade
Quem os mortaes fês crear:
Opremillos co'o pesar
Esta mesma mão como hade?
Não pertence a crueldade
A hum deos d'immensa amplitude:
Este Deos, que não se illude,
Porque formou a ternura?
Por suplicio á creatura
Disei-me austera virtude?

Não vês como ave mimosa,
O' Lilia, isenta aos tormentos
Gósa suaves momentos
Na prisão mais deleitosa?
Do crime a idea penosa
Seu praser não emmurchece.
Tão puro amor te offerece
O sensivel peito meu,
Dame em premio o peito teu
Se isto algum premio merece.

QUADRA.

Sonhando góso momentos,
Que acordado busco em vao:
Sao reaes os meus tormentos,
Meus gostos sonhados sao.

Cruentas mágoas sentindo
N'hum triste bosque vagava:
Brando rio se apressava
Como a meus males fugindo.
Na sua margem carpindo
A' forsa de meus tormentos:
Perdidos os movimentos
Ali caio, e desfaleço,
E, de amor quando adormeço
Sonhando góso momentos.

Senti a minha querida
Em seus braços me apertando:
« Vai (me dis) vai conservando
« Essa triste, infausta vida.
« De teus males commovida
« Dou fim á tua aflição.
De seus braços a prisão
Sonhando gosava a posse!
Dame, ó Ceos, sonho tão doce,
Que acordado busco em vão.

Sonhando gozei ventura
Que vale mais, que a existencia:
Na duração da apparencia
Foi comigo a sorte dura.
Se vivendo a desventura
Deve extrahir-me os alentos,
Porque da vida os momentos
Sonhando não passarei?
Porque? Por tirana lei
São reaes os meus tormentos.

Devo existir, e penar;
Tal he meu fado opressor:
Gosar instantes de amor
Só brevemente a sonhar.
Devo meu bem suspirar,
Devo morrer de paixão;
Mas não quer a sorte, não,
Que eu te apperte nos meus braços:
Se góso tão doces laços
Meus gostos sonhados são.

QUADRA.

A mais heroica finesa
Qual pena deve escolher:
Se ver morta a prenda amada
Ou vella em outro poder.

CONDUSIO-ME a negra sorte
Ao centro de espessa gruta,
Que eternamente se enluta
Com mil imagens da morte.
Huma vós tremenda, e forte
Me encheo de fria surpresa!
Ouvi diser com feresa:
« Tremei ó triste mortal,
« Que eu exijo p'ra teu mal
« A mais heroica finesa.

Como do raio ferido
Sem saber aonde existia,
Assim a dôr me extasía
Alienando o sentido.
Novo medonho ruido
Me veio a penas diser:
« Ou deve a vida perder
« O teu bem, ou não ser teu.
O' Ceos o coração meu
Qual pena deve escolher?

Os ólhos da minha bella
Ver para sempre cerrados!....
Na sepultura abismados
Os mimos, os mimos d'ella!....
Não, ó Ceos!.... Mas heide vella
D'outro amante apaixonada
De amor sua alma inflamada
Por outro! O' que aflição!
Será menor a paixão
Se ver morta a prenda amada?

Mas não, não morras meu bem
Só eu em tormentos morra;
Ninguem, ninguem me socorra,
Que a morte só me convem.
A vida só goze quem
Venturas pode obter:
Não eu, que para viver
Me impôs a sorte homecida
Ver Lilia perder a vida,
Ou vella em outro poder.

QUADRA.

Sobre mim tirana morte
Descarrega o golpe teu :
Nao he justo que mais pene
Hum infelis como eu.

A MORTE de ouvir cansada
As queixas da naturesa,
Despindo brutal feresa
Ao mundo todo assim brada.
« Quem a vida não agrada
« Diga, diga com transporte;
« Pois não sei em quem meu córte
« Empregarei docemente.
Eu exclamo assás contente :
Sobre mim tirana morte!

« Acaba com a minha vida
« Minha fatal desventura,
« A meu mal he doce a cura,
« Que aos mortaes he desabrida.
Nisto a morte endurecida
De meu mal se comoveo,
Confusa não respondeo;
Eu lhe tornei com respeito :
« Aqui tem meu terno peito
« Descarrega o golpe teu.

« Quem pois o triste mortal
Me dis a morte serena :
« Os teus dias ensena?
« Quem pois promove o teu mal?
« Armania, cruel, fatal
« Quer ó morte que eu te accene
« Ella não quer que eu despene
« Gosta verme amargurado.
« Hum ente tão desgraçado:
« Não he justo que mais pene.

Por cumprir sua promessa
A morte a fouce apontava;
Mas amor tudo avistava
Ligeiro chega de pressa:
Raivoso expondo a cabeça
Golpe mortal suspendeo,
Desta arte o tormento meu
Não quiz Amor desfaser,
Ha de morrer sem morrer
Hum infelis como eu.

QUADRA.

A terna paixao á gente,
Justo Ceo sendo arrancada,
Que praser resta aos viventes
Nesta vida desgraçada.

Despir natural furor
Sentir a vós da ternura:
Póde o bruto a féra dura
So por effeito de amor.
Sua chama, seu calor
Da energia ao vivente:
Hum poder, que he consequente,
Que he da existencia motor
Mandou influir de amor
A terna paixão á gente.

Massa informe; opáca, e fría
Sem lús, sem lei, que a regesse
O estado sería esse,
Em que o universo existia;
Se amor em doce armonía
Não desenvolvesse o nada.
E, sendo ó Ceos alterada
Da naturesa a função?
A creadora paixão
Justo Ceo sendo arrancada?

Affogados sempre em ais
Chêios de dór, de tormento
Eu vejo a cada momento
Todos, todos os mortaes,
As vidas lhes são fataes
Todos vejo descontentes:
Só amor da vida aos entes
Da lénetivo ao pesar;
Mas se acaso amor faltar,
Que praser resta aos viventes?

Amor he germen da vida
Em tudo respira amor
Animando á planta, a flor
He logo desenvolvida:
He questão bem decedida
Ser Amor porsão sagrada;
Pois elle dá ser ao nada
E, sem elle, ó Ceos, piedozos,
Não haverião ditosos
Nesta vida desgraçada.

QUADRA.

O meu bem na despedida
Nao fes mais, que suspirar:
Appertou-me a mao no peito
Nem hu'sò ai pôde dar.

De Armia meu duro fado,
Que me aparte em fim ordena,
Que fatal, que dura pena
Ao amor mais extremado!
Armia meu bem amado
Em mágoa tão desabrida,
Julgeui, que perdesse a vida
No mais penoso transporte:
Padecía a dôr da morte
O meu bem na despedida.

Ferido da intensa dôr
Exclamei: O' duros Ceos,
Ou extingue os dias meus,
Ou não sejas opressor:
Nisto a saudade, o amor
Veio meu pranto arrancar:
O meu bem quis me animar
Mil esforsos fes em vão,
Pois meu terno coração
Não fes mais, que suspirar.

Dentro do peito, ancioso
O coração palpitava:
Armia ja desmaiava,
Que lance! O' Ceos tão custoso!
Apartar-me era forçoso
Por lei, por dever estreito;
Ao meu bem os ólhos deito
Vejo-a em acções s' espressando
Quasi morta, soluçando
Apertou-me a mão no peito.

Então fico delirante
Vou partir não movo os passos
Pertendo pedir-lhe os braços
Sindo a vós balbuciante.
Em tão terrivel instante
Me sentia desmaiar:
Ella se osforça a fallar
Só me dis: adeos... adeos...
Volve os ólhos para os Ceos
Nem hu' só ai pôde dar.

QUADRA.

Se amor dura alem da morte,
Constancia eterna hei de ser;
Se amor dura só na vida,
Hei de amar-te até morrer.

Se a minha alma não varia,
Se ella existe sempre nova,
O' Lilia, terás a prova
D' hu' amor, que nunca esfria.
Se por suprema valía
Tem ella poder tão forte!
No mais extremo transporte
Sempre, ó Lilia, te amarei:
Sentirás, eu sentirei
Se amor dura alem da morte.

Em vão a sanguenta fouce
Desprenda a Parca homecida,
Leve embora a humana vida
Deixe n'alma a prisão doce.
Aprecia, ó Lilia, a posse
Da minha alma, que o meu ser
Jamais póde transcender
O praso vital, que tive;
Porem se alma eterna vive
Constancia eterna hei de ter.

Porem se na sepultura
Findar de amor a influencia?
Se ella he frase da existencia
Dura em quanto a causa dura.
Vida expressão da instructura!
De instructura corrompida!
Por lei jamais infringida
Deve morrer o vivente:
Como amar-te eternamente
Se amor dura só na vida?

Quisera, Lilia, meu bem,
Que por milagre de amor
Tivesse a cinza o calor,
Que do peito á face vem;
Porem amor se contem
No limite do viver.
Não posso o praso exceder;
Mas, Lilia posso jurar-te,
Qu' heide a vida consagrar-te,
Hei de amar-te ate morrer.

QUADRA.

O' morte porque nao vens
Findar meus dias fataes?
Vivendo, vivo penando
Morrendo nao peno mas.

VEM Armania, vôa, corre
Precipita-te em meus braços...
Quem cruel te impede os passos?
Quem he que não me socorre?..
Aonio suspira e morre
No abandono em que o tens.
Tambem no meu mal convens?..
Ai de mim como deliro!..
Tirar-me o final suspiro
O' morte porque não vens?

Tirana quem te embaraça
A cortar-me a triste vida?
Nem de meu mal commovida
Poens termo á minha desgraça?
Vida fatal, que me enlaça
Em tormentos infernaes,
Não me faça sentir mais
De tantos males a preço:
Vem, ó morte, vem que eu peço
Findar meus dias fataes.

Roubaste féra tirana
O meu bem o meu amor,
Não fartaste o teu furor
Ficando co' a presa ufana.
Vais com dôr acerba insana
A minh' alma envenenando;
Em vão te imploro chorando,
Que a triste vida me acabes:
Tudo negas, porque sabes
Vivendo, vivo penando.

O' meu bem, ó alma pura,
Rompe a estancia pavorosa:
Tua sombra he deleitosa
He grata a minha ternura.
Responde da sepultura
Aos de amor transportes taes!
Acolhe meus tristes ais,
Franquêa-me o frio seio...
A vida he funesto enleio
Morrendo não peno mais.

QUADRA.

Beijo a mao, que me condemna
A ser sempre desgraçado :
Obedeço ao meu destino
Respeito o poder do fado.

Tristes ais, tristes lamentos
Oprimem meu coração,
A minha fatal paixão
Me arranca os vitaes alentos.
Males crueis, violentos
Lilia impoem p'ra minha pena :
Ella os dias me envenena,
Ella quer ver o meu fim ;
Porem, ó Ceos, mesmo assim
Beijo a mão, que me condemna.

Tirana não quer, que a morte
Me faça logo acabar :
Meus gemidos, meu penar
Lhe fas em doce transporte.
Por minha funesta sorte
Gosta ver-me angustiado ;
He cruel o seu agrado ;
Mas por ser agrado seu,
Condemno o coração meu
A ser sempre desgraçado.

Eu se adoro Lilia bella
Tal he a minha voutade!
E, tu sem ter piedade,
A quem por ti se desvella
Só mil tormentos anhella
Teu peito cruel; ferino:
A vontade a fronte inclino
Sigo de amor o dictame:
O destino, quer que eu ame
Obedeço ao meu destino.

Não tenho nenhu'direito,
Que te obrigue ao meu amor:
Abrandar o teu rigor
Não póde meu terno peito:
Morrerei por teu respeito
Sem de ti me haver queixado;
Me ouviras desalentado
Sempre por ti suspirando
Cumpro assim da sorte o mando
Respeito o poder do fádo.

QUADRA.

Basta pensamento basta
Basta de me atormentar:
Hum bem que ser meu nao póde
He hum tormento lembrar.

Succede ao dia sereno
Medonha noite de horror
Muda o tempo a face a côr
Do risonho prado ameno.
Sò a causa, porque eu peno
O tempo cruel não gasta!
Triste idea, afasta, afasta
Lembrança cruel, e dura
Basta a minha desventura,
Basta pensamento basta.

Não mais ó meu pensamento
Me appresentes côr da morte
De amor o veneno forte,
Que he causa de meu tormento.
Hum total esquecimento
Venha meu mal abrandar:
Não mais acerbo pesar
A vida me arranque, ó Ceos!
Amores, algoses meus,
Basta de me atormentar.

Conforme-se o coração
Com o mal que a vida lhe extrahe :
Fuja a impulsos, que o atrahe
De amor a doce prisão.
Se tanto podes, rasão,
O' rasão meu peito acóde
A minha alma se acomóde
Com os tormentos, que padece
De amar a Lilia não cesse
Hum bem, que ser meu não póde!,..

Não póde ser minha aquella
Por quem geme aflicto o peito!
Por quem sinto ser desfeito
O coração, que he só della!
O coração que por ella
Dera a vida sem pesar!,,..
Eu devo Lilia deixar?
Eu devo Lilia perder?..
Que eu, ó Ceos devo-a esquecer
He hum tormento lembrar.

QUADRA.

Alma, vida, e coraçao
Tudo, tudo te entreguerei:
Se tens tudo o que me anima
Como sem ti vivirei.

Ama a planta a outra planta
Por influxo natural,
Esta lei universal
A' naturesa abrilhanta
Esta lei não se quebranta
Tem sempre a mesma adesão:
A tão suave prisão
Insanos brutos annuem,
Quanto mais os que possuem
Alma, vida, e coração.

Do bosque o cantor mimoso
Por expressar seus amores
Move os sons encantadores
Do brando peito amoroso.
Quem o atrahe ancioso,
He de amor a forsa, a lei
Por quebralla me esforcei;
Mas debalde Lìlia bella
Pois deite alma, e com ella
Tudo, tudo te entreguei.

Grilhões pesados de amor
Mantem a humana existencia,
Delles a grave influencia
Preenche os fins do autor
Poder não ha superior,
Que a naturesa suprema.
Como queres, que eu reprima
O mal, que meu peito sente!
Como queres, que eu me alente
Se tens tudo, o que me animo.

De amor na chama inflamado
Continuamente suspiro
Se te não vejo deliro
Maldisendo o injusto fado.
Anhellar ver-me a teu lado
He sómente o que eu ja sei,
Se o meu coração te dei
A' face do mesmo Ceo;
Se jurei ser sempre teu
Como sem ti vivirei.

COLXEA.

O' Lilia cede a meu peito
Cede aos encantos de amor.

Tudo, tudo stá sujeito
As leis de amor da natura:
Escuta a vós da ternura,
O Lilia, cede a meu peito :
Ter illusões he defeito
Desterra engano, e temor.
Não vés como á linda flor
Tira o brilho o tempo insano?
Antes, que venha o seu dano
Cede aos encantos de amor.

Hum suspiro hu' terno effeito
Da mais ardente paixão,
Acceita por compaxião,
O Lilia, cede a meu peito.
Despreza hu' duro preceito
Opposto ao amante ardor:
Hum mimo, Lilia hu' favor
Não negues ao teu amante:
Ao menos hu' só instante
Cede aos encantos de amor.

GLOZA.

Hum só surriso de amor
Muda a sorte dos humanos.

LA onde brilha o fulgor
De immensos fulgentes lumes,
Colhe o afago dos Numes
Hum só surriso de amor:
Tem tal poder, tal rigor,
Que da morte a pouca os danos.
Dos heroes, e dos tiranos
O fado, a existencia move,
E, até maior de que Jove,
Muda a sorte dos humanos.

J. A. Coelho.

Aos abismos dá fulgor
Prestando-lhe puros lumes:
Da ventura aos mesmos Numes
Hum só surriso de amor:
Dá praseres dá vigor
A quem sofre acerbos danos:
Fás sensiveis os tiranos;
Toda a naturesa move;
Tem mais poder do que Jove
Muda a sorte dos humanos.

COLXEA.

Entre as sombras do futuro
Ja sinto a dôr de perder-te.

Tristemente, ó Ceos, auguro
Males crueis violentos:
Eu ja diviso os tormentos
Entre as sombras do futuro.
Destino fatal, e duro
Manda em amar exceder-te,
Eu te adoro, e conhecer-te,
He ó Lilia, o mal peor:
Por não sentires amor
Ja sinto a dôr de perder-te.

DECIMA.

He digna de nossos cultos.

Mortaes corramos á impresa!
Vamos hu' templo formar,
E, sobre hu' trono adorar
De Marilia a gentilesa.
Reine pois essa bellesa
Nestes lugares incultos.
Do tempo zombe os insultos;
Vamos dar-lhe a eternidade,
Vamos, que essa devindade
He digna de nossos cultos.

COLXEA.

Entre amor entre amisade
Trago confusa a rasao.

As leis da soceidade
Formão percisa cadêa,
Que extremamente se enlêa
Entre amor entre amisade.
Quem negar póde a verdade
Desta evidente questão;
Da amorosa inclinação
Não sentio terno fervor,
Como eu, que á forsa de amor
Trago confusa a rasão.

DECIMA.

Despois de offendido, não.

Teimoso, teimoso amor!
Deixa cruel o meu peito,
Pois teu venenoso effeito
Ja p'ra mim não tem vigor.
Com extremado valor
Suffoco a minha paixão.
Lilia, tua ingratidão
Me obriga firme a deixar-te:
Morrerei, porem amar-te
Despois de offendido, não.

Vãos assaltos da ternura,
Vãas de amor armas potentes!
Debalde, debalde intentes
Abater-me á féra dura.
Que triumphe essa perjura
Não consente o coração:
De amor o fatal grilhão
Despedaço heroicamente;
Amalla tão ternamente
Despois de offendido, não.

GLOZA.

O peito que he bronzeado
Para amar nao serve, nao.

Cede ás armas do vendado,
Mesmo aquelle, que o insulta :
Contra amor jamais exulta
O peito que he bronzeado.
De Jove triumpha ousado,
De Mavorte, e de Plutão.
Em todos lansa o grilhão
No rei, no pastor, no triste.
Sómente quem não existe
Para amar não serve, não.

Profana hu' dever sagrado
Quem de amor nada conhece :
A si, mesmo se aborrece
O peito, que he bronzeado.
Qual rochedo inanimado
Insensivel a paixão ;
Embrutece o coração,
Nem sabe se o mundo habita,
Justos Ceos hu' tal evita
Para amar não serve, não.

Não socorre o desgraçado,
No seu mal antes o oprime:
He capás de todo o crime
O peito que he bronzeado.
Nunca hu' ente amargurado
Nelle encontra compaixão!
Não vê a lús da rasão
A natura o monstro pisa;
Delle, ó Ceos, não se percisa
Para amar não serve, não.

COLXEA.

Quem póde ditoso ser
Sem liberdade gosar.

NAÕ mais me faças morrer
O' Lilia a todo o memento!
Não só padeça o tormento
Quem póde ditoso ser.
Dos teus ólhos hu' volver
Póde meu fado aplacar:
Nãó vás meus dias findar
Com negro aspecto de horror;
Sómente hu' mimo de amor
Sem liberdade gosar.

GOLXEA.

Se Jove nao quer qu' eu ame
Nao me desse coraçao.

MANDE a amor, que não m'inflame,
Tire o poder a bellesa;
Mude as leis da naturesa:
Se Jove não quer, qu'eu ame.
Esse funesto dictame
He Lilia contra a rasão.
Ou heide amar-te, ou então
Esse, que habita no Ceo
Não creasse o rosto teu
Não me desse coração.

Ser sem causa deshumana
He ser duas veses cruel.

Naõ queiras, não, ser tirana
Paga co' ardor meu ardor:
He crime, crime de amor
Ser sem causa deshumana.
Não vês á terna Diana
Endymião ser fiel?
A ver tão doce painel
Não furtes o coração
Negar-se á amor, á rasão
He ser duas veses cruel.

LYRA.

N'hu' ramo espressavão
Dois ternos pombinhos
Seus puros amores
Unindo os biquinhos.

Em meigos afagos
Mostravão gosar
Supremas delicias,
Venturas sem par.

Cruel caçador,
Que o bosque vagava;
Por negra fortuna
Os dois avistava.

Subtil move o passo,
E vai lentamente...
Cruel foi roubar
O gôso inocente.

Fatal instrumento
Por fero praser,
Praseres suaves
Tu fases morrer?

O brando pombinho
Cahido, gemendo:
A vida lhe escapa
Nas azas batendo.

A triste consorte
No quadro que vira,
Reconhece o golpe
Recúa, suspira.

Ja não vacillando
Da propria desgraça;
Do féro agressor
Em torno esvoáça.

Desta arte parece,
Que buscava a morte!
Porque não lhe a deste
O' cruenta sorte?

Magoada volvendo
Seu corpo nos ares,
Levava consigo
Terriveis pesares.

Buscava no ninho
Dos filhos implumes
Achar o conforto
De seus pesadumes.

Porem ó desgraça!
O' sorte mesquinha!
Que mal preparas-te
A' triste avesinha.

A penas chorosa
Ao seu aposento
Levava aos filinhos
Magoado sustento:

Encontra a serpente,
Que os filhos comía;
Banhada no sangue
Que ainda corría.

Eu sou bella Lilia
Retrato desta ave:
Comigo a fortuna
Foi meiga, e suave.

Porem o destino,
Mais féro, e peor;
Só breves me dava
Instantes de amor.

Praguejava a sorte
Por não dar-me aquella,
Por quem delirante
Morria por ella.

Mas hoje suporta,
O meu coração
Funesto veneno
Da ingratidão.

LYRA.

Busco a campira serena
Para livre suspirar
Cresce o mal que me atormenta
Aumenta-se o meu penar.

Se ao brando rio procuro
As minhas penas contar
O rio foge de ouvir-me
Aumenta-se &c.

Se ao terno canto d' huma ave
Vou meus gemidos juntar
Emmudece o passarinho
Aumenta-se &c.

Debalde busca meu peito
Lenetivos encontrar
Sem aquella por quem morro
Aumenta-se &c.

Se junto della suspiro
Por seus encantos gosar
Ai de mim distante della
Aumenta-se o meu penar.

LYRA.

❁

Roubou-me a Parca tirana
O meu bem ó que feresa!
Commovida dos meus ais
Suspirou a naturesa.

Corta meus dias!
Tirana morte!
Soffrer não posso
Tão impia sórte.

Constancia; amor; lealdade
Sustentou su' alma pura:
Ai de mim que a morte insana
Invejou minha ventura.

Corta meus dias &c.

Vem ó furia vem do Averno
Unir-me à aquella, que adoro;
Vem tirar-me a triste vida
Qu'eu com lagrimas te imploro.

Corta meus dias &c.

La na sombra do sepulcro
Triste morada de horror
Testemunhe a sepultura
Os restos do nosso amor.

Corta meus dias
Tirana morte
Sofrer não posso
Tão impia sórte.

ESTENDE noite medonha
Os teus véos os teus horrores.
Tuas sombras pavorosas
Mitigão meus dissabores.

Esconde, ó noite,
Com negro manto,
Meu triste pranto
Aos meus amores.

Ah não escutem
Os seus ouvidos
Os meus gemidos!
Os meus clamores!

Não perturbem os meus ais
O praser d'outros pastores:
Sofra eu só no triste peito
Males crueis oppressores.

Esconde ó noite &c.

Ah não escutem &c.

Ja sofrer não póde o peito
Da sórte os crueis rigores;
Vai-se abrindo a sepultura
Por alivio ás minhas dores.

Esconde, ó noite
Com negro manto
Meu triste pranto
Aos meus amores.

Ah não escutem
Os seus ouvidos
Os meus gemidos!
Os meus clamores.

LYRA.

❀

Hum ai gerado
Pela paixão,
Do coração
Doce penhor.
Apenas sôlto
Do peito meu;
Azás lhe deo
O deos d'amor.
Suspiro vôa
Então lhe digo
Vai ao obrigo
Da minha dôr.

Vai ver aquella;
Mas eu deliro!
Por quem suspiro
Com tanto ardor.
Conta-lhe quanto
Saudoso effeito
Produs no peito
Do seu pastor.
Pinta-lhe a mágoa,
Que na minh' alma
Jamais accalma
Fatal rigor.

Tambem lhe conta
O como vivo
N'hum fogo activo
Abrasador.
Porem se em premio
Da fé mais pura,
Quebrando a jura
Ingrata for.
Fóge suspiro
Não tornes mais
D'ingratas taes
Tremo d'horror.

Porem si ella
Terna escusar-te,
A dar-me parte
Vem com fervor.
Se de sus ólhos
Mimoso encanto
Correr hu' pranto
Consolador.
Vem, vem de pressa,
Ah qu'he perciso
Traser-me hu' riso
Mitigador.

QUADRA.

Hum infelis como eu.

Sobre mim tirana morte
Descarrega o golpe teu:
Não he justo que mais pene
Hum infelis como eu.

Para ser mais desgraçado
Vivo, ó Ceos, a pesar meu
Não creou a naturesa
Hum infelis como eu.

Lilia, aquella por quem morro
Jamais amor conheceo:
Ella gosta, que suspire
Hum infelis como eu.

O mal, que a vida me extrahe
Nunca á ingrata commoveo
Insensivel, não escuta
Hum infelis como eu.

Lilia cruel, Lilia ingrata
Empenhaudo o rigor seu;
Não quer qu'huma vês acabe
Hum infelis como eu.

QUADRA.

Quem promove os meus tormentos.

A' FORSA do padecer
Perco da vida os alentos:
O Ceo punirá hu' dia
Quem promove os meus tormentos.

Na mais pungente aflição
Da vida conto os momentos:
Vejo, ó Ceos, impunemente
Quem promove os meus tormentos.

Surda aos ais, que triste sólto
Não, escúta os meus lamentos:
He Lilia por quem suspiro
Quem promove os meus tormentos.

Talves o peito agitado
De remorsos violentos;
Queira tarde dar-me a vida
Quem promove os meus tormentos.

LYRA.

Lá vem aurora
Rompendo o véo,
Que enegrecia
A terra, o ceo,
Com brando raio,
Nos presagia
Mimoso Febo
Risonho dia
D'oiro parece
Ja matisado
A serra, o monte,
O verde prado.

Já se festejão
Ledos cantores:
E, como expressão
Os seus amores!
Na vós suave
Se manifestão,
E co' os biquinhos
Amor protestão.
Gostão as aves,
Que amor enlêa,
A mão que tece
Doce cadêa.

A tenra planta
Suspende o còlo
Saúda a vinda,
Do loiro Apollo.

Ah como he certo,
Que reconhece
A mão potente,
Qu' a reverdece!

A flór mimosa,
Que a planta volve:
Acção febéa
Quem desenvolve?

Ah como he doce
Lei do ternura,
Que tudo accende
Na chama pura!

Despe furores
Insana féra
Grilhões pesados
Emfim tolera.

A outro bruto
Lambe, festeja;
E, terna exprime
Quanto deseja.

Amar nas feras
Jamais he crime!
Nunca seus peitos
Amor oprime.

Só eu gemendo
Por Lilia bella,
Hum crime julgão
Se penso nella.

Meus ólhos tristes
Que ousqdos são
S'explição males
Do coração.

LYRA.

Serras; montes, que gemeis
Se Echo solta seus gemidos
Escondei as minhas penas,
Os meus ais enternecidos.
Se negras féras
Me escutão ais;
De compassivas
Darão signaes.

Não perturbem aos ditosos.
Minhas queixas, meus clamores!
Só eu suporte gemendo
Da sórte os crueis rigores.
Se negras féras
Me escutão ais;
De compassivas
Darão signaes.

Escondei, ò verdes ramos,
Escondei, por compaixão!
Os derradeiros suspiros,
Que exalar meu coração.
Se negras féras
Me escutão ais;
De compassivas
Darão signaes.

LYRA.

A ROSA, que abrira a pouco
Como ostenta magestosa!
Mas vem tormenta raivosa
Desbotar-lhe a rubra côr.

Assim vão meus tristes dias
Murchando á forsa da dôr.

Como a rôla, que gosava
De amor o doce transporte;
Vío cahir o seu consorte
Ao tiro d caçador :

Assim vão meus tristes dias &c.

Como ovelha, que buscando
O filho que amamentava ;
Vê, que ao triste a morte dava
O lobo devorador.

Assim vão meus tristes dias &c.

Como a mãi, que só d' hu' filho
Tinha confortos escassos,
Vê morrer nos proprios braços
Seu filho, seu protector :

Assim vão meus tristes dias &c

Gosei sonhada ventura
Foi minha dícta illusão:
Hoje sente o coração
Todo o veneno de amor.

Assim vão meus tristes dias &c.
Murchando á forsa da dôr.

LYRA.

Contra amor, contra o ciume
Debalde invoco a rasão
Mando ao Ceo meus ais queixosos
Não merecem compaixão.

Cruel tristesa
Me enluta o peito
Amargo effeito
Do meu amor.

Lilia, Lilia por quem morro
Que me ama dis em vão:
Porqu' eu sei que os meus suspiros
Não merecem compaixão.

Cruel tristesa &c.

Lilia, em premio de adorar-te
Has de dar-me á ingratidão?
Has de dizer-me: « Teus males
« Nã merecem compaixão!

Cruel tristesa &c.

Heide ver-te em braços d'outro?
Heide morrer d'offlicção?
Meus prantos não te commovem?
Não merecem compaixão?

Cruel tristesa &c.

Delivrei, ó Lilia bella
Perdôa á minha paixão
Tu juras-te de ser minha
Tu me des-te o coração.

Cruel tristesa
Deixa meu peito
Só doce effeito
Produsa amor.

QUADRAS.

AUDAS investiga
Sabio profundo
Leis poderosas,
Que regem o mundo.

Ousado com ellas
Descobre os arcanos.
Qne longo futuro
Esconde aos humanos.

A' mansão dos astros
Se sobe co'a idéa
Reconhece a forsa
D' attracção febéa.

Se a mente lh' exige
Na terra reflicta;
Conhece a grandesa
Do astro, que habita.

Descobre, s'emprega
Sentidos attentos;
As leis uuiformes
De seus movimentos.

Assim passa a vida
Sem mágoa, sem pranto!
Contente rompendo
Teu natura manto!

Guerreiro cioso
De palma, de gloria;
Afoito procura
Praser da victoria.

A' spada que he chêa
De sangue, e d'horror.
Espalha matando
Susto, e temor.

Velós como raio
Como elle tão forte
Convida a Ciúmes,
O mesmo Mavorte.

Se outrora existira
Vulcano zeloso
Talves o prendera
No laço engenhoso.

Exulta c' roado
De palmas de louros;
Não acha na terra
Melhores thesouros.

Avaro sombrio
Não deixa hu' só dia
De ver o motivo
De sua alogria.

Nos graudes thesouros
Mil veses contados,
Emprega constante
Teimosos cuidados.

Ausente dos cofres
Jamais póde estar
Só póde sobr' elles
Dormir, socegar.

Assim passa a vida
Achando ventura,
N'aquillo que move
A sua amargura.

Só eu Lilia bella
De ver-te hu' instaote
Não tróco por sec'los
De sorte brillante.

Se quero do autor
Saber a grandesa
Meus ólhos divisão
A tua bellesa.

Divisão teu rosto
Divisão dois Ceos,
Morada de amores
De triumphos seus.

Que val ao guerreiro
Ventura, qne allega?
Se para obtella
Estragos emprega.

Eu venço teu peito
Com pranto, com ais
Eu venço a vontade
Inda he vencer mais.

Aváro possúe
Thesouro que oprime:
Eu tenho em teu peito
Thesouro sublime.

Eu tenho! mas onde
O' meu pensamento?
Eu tenho em minha alma
A dôr, ó tormento.

He Lilia formosa,
A causa innocente
Dos males tiranos,
Que minh' alma sente.

Ser minha ventura
O' Lilias devias!
Porem,.. O' desgraça!
Acaba meus dias!!!

QUADRA,

De que me serve o viver.?

Gose a vida, quem na vida
Só encontra o seu praser:
Sem Lilia, por quem suspiro,
De que me serve o viver?

Se a vida, que vivo triste
He chêa de padecer;
Acabe-se meu tormento.
De que me serve o viver?

Distante de quem adoro
Eu passo a vida a gemer:
Padecendo, e suspirando,
De que me serve o viver?

Quer a sorte, que eu exista
Mil tormentos a sofrer,
Se vivo sou desgraçado,
De que me serve o viver?

Se os momentos da existencia
Não emprego a meu querer;
De que me serve a existencia
De que me serve o viver?

LYLA.

VAI suspiro amargurado,
Vai diser a quem adoro
Impios males, que padeço
Como aflicto, peno, e choro.

Vai diser-lhe meu suspiro,
Que a mais pungente afição,
Dilascera a cada instante
Meu saudoso coração.

De meus males a grandesa
Sriba, Lilia, por quem morro;
Não me negue por mais tempo
O necessario socorro.

Porem si ingrata negar
Terno amor ao meu transporte
Não voltes triste suspiro
Não venhas traser-me a morte.

LYRA.

Tu, que me tiras
Suspiros d' alma?
Qu' o mal promoves,
Que não s' accalma?
Se és tu amor?

Deixa meu peito
Monstro oppressor.

Tu, que me matas
Por huma ingrata?
Que me despresa
Que me maltrata!
Se és tu amor?

Deixa meu peito
Monstro opressor.

S' ardente fogo,
Em que s' inflama
Meu coração;
Se he tua chama?
Se és tu amor?

Deixa meu peito
Monstro opressor.

Tu, que motivas
As minhas penas?
E, que os meus dias
Só envenenas
Se és tu amor?

Deixa meu peito
Monstro opressor.

LYRA.

Passarinho melindroso
Ligeiro, por compaixão!
Vai levar a Lilia bella
Meu saudoso coração.

Leposita no seu peito
Os ternos suspiros meus,
E, do cofre precioso
Tras hum dos suspiros seus.

Leva hum beijo; passarinho!
Aos labios de minha amada
Deixa ali ficar minha alma
Toda de amor inflamada.

Que ella sinta toda a forsa
Do quanto suporto aqui,
Que ella saiba quantas veses
Meu passarinho, gemi.

Que minha alma se padece
Vendo seu rosto mimoso:
Deitando dos ólhos seus
Cresce o pranto amarguroso.

LYRA.

Se Febo murcha
Verde campina,
Roxa bonina
Fas perecer.
Brando regato
A vai socorrer.
Só eu linda Marcia
De saudade morro.
Não tendo socorro
A meu padecer.

O passarinho
S' o tiro sóa
Ligeiro vôa
Vai s'esconder
Bosque vizinho
O livra a morrer.
So eu linda Marcia &c.

Do lobo fero
Ovelha aflicta,
Fugindo evita
De presa ser.
Pastor que a busca
A vai defender.
Só eu linda Marcia &c.

Se tristes dias
Tem os amantes,
Doces instantes
Vão succeder.
Seus prantos se tornaõ
Em doce praser.
Só eu linda Marcia
De saudade morro:
Não tendo socorro
A meu padecer.

AO PUBLICO.

Na pagina 8, setimo verso, o verbo - formar - existe no singular, devendo estar no plural: na 15ª quinto verso dis - ai de mim - devendo ser - triste de mim: na 118, o quarto verso devendo ser - Natura teu manto - lê-se - Teu natura manto.

Outros muitos erros o Publico achará nesta obra, dos quaes lhe pedimos disculpa. Muito cuidado aplicamos nesta impressão; porem não nos foi possivel obtella mais correcta.

VENDE-SE EM CASA DO SENHOR
R. OGIER, Rua da Cadêa, N°. 142.